

# **Nativos digitais e seus olhares para a imagem da biblioteca escolar: a visibilidade do bibliotecário como mediador da informação na rede municipal de educação de Vila Velha, ES, Brasil**

*Digital natives and their looks at the image of the school library: the librarian's visibility as an information mediator in the municipal education network of Vila Velha city, Espírito Santo State, Brazil*

*Nativos digitales y sus miradas a la imagen de la biblioteca de la escuela: la visibilidad del bibliotecario como mediador de información en la red de educación municipal de Vila Velha, ES, Brasil*

**Sandra Maria Souza de Carvalho**

Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vila Velha, ES, Brasil.  
MBA em Biblioteconomia pela Faculdade Alfa América – ALFAMÉRICA, SP, Brasil.  
<http://orcid.org/0000-0002-7418-1874>  
E-mail: [sandramsc@hotmail.com](mailto:sandramsc@hotmail.com)

**Taiguara Villela Aldabalde**

Doutor em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília – UnB, Brasil.  
Professor adjunto na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0002-7710-0355>  
E-mail: [taiguara.aldabalde@ufes.br](mailto:taiguara.aldabalde@ufes.br)

**Marcelo Calderari Miguel**

Especialista Educação Científica pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil.  
Pesquisador – Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica – UFES, Brasil.  
<http://orcid.org/0000-0002-7876-9392>  
E-mail: [marcelo.miguel@caixa.gov.br](mailto:marcelo.miguel@caixa.gov.br)

## **Resumo**

**Objetivo:** analisar as expectativas e percepções dos nativos digitais com a ambiência e o profissional da biblioteca numa escola de periferia, a Umef Dr Tuffy Nader, da rede municipal de educação do município de Vila Velha, Espírito Santo - Brasil.

**Método:** insere a pesquisa qualitativa sobre a imagem da biblioteca do presente e do futuro para os nativos digitais, e utiliza o método de coleta de dados o grupo focal. A análise envolve conversas realizadas em abril de 2019 com discentes e, visa compreender a construção dessa realidade vivenciada a partir das interações rotineiras. Com esse instrumento se percebe atitudes e condutas comuns entre os nativos digitais, os quais constroem formas de representação desse espaço.

**Resultado:** evidencia que a biblioteca escolar se apoia numa imagem de valor e importância, destaca ainda que o bibliotecário mediador assume em vários aspectos, uma função pedagógica ao conduzir situações para lidar com o mundo cambiante das TICs.

**Conclusões:** recebidos pela escola e biblioteca, os nativos digitais se tornam agentes e protagonistas de saberes, e isto apoia na construção de uma rede de conhecimento e multi-interações. Na atuação em espaço escolar, o bibliotecário assumiu uma socializante função; sua atividade mediadora serve para o enfrentamento à desinformação e defesa da democracia. O diagnóstico destaca que na questão da imagem a qualidade situa os aspectos tangíveis, os estudantes preferem bens mobiliários a itens de tecnologia, e, em relação ao bibliotecário, o nomeiam como um ser atuante na mediação da informação - o qual busca nos interesses e necessidades da comunidade escolar prestar um serviço direcionado ao seu empoderamento e conscientização crítica.

**Palavras-chave:** Biblioteca escolar. Mediação da informação. Nativos digitais. Usuários da biblioteca. Profissional da informação.

## Abstract

**Objective:** it analyzes the expectations and perceptions of digital natives with the ambience and the professional of the library in a peripheral school, Umef Dr Tuffy Nader, from the municipal education network of the municipality of Vila Velha City, Espírito Santo State - Brazil.

**Method:** inserts the qualitative research on image of the present and future library for digital natives, and uses the focus group data collection method. The analysis involves conversations held in April 2019 with students and aim to understand the construction of this reality experienced from routine interactions. With this instrument, common attitudes and behaviors among digital natives are perceived, which build forms of representation of this space.

**Result:** it shows that the school library is based on an image of value and importance; it also points out that the mediating librarian assumes, in several aspects, a pedagogical function in leading situations to deal with the changing world of ICTs.

**Conclusions:** received by the school and library, digital natives become agents and protagonists of knowledge, and this supports the construction of a network of knowledge and multi-interactions. In acting in the school space, the librarian takes on a socializing function; its mediating activity serves to face the disinformation and defense of democracy. The diagnosis highlights that in the image issue, quality situates tangible aspects; students prefer securities to technology items; and, in relation to the librarian, they name him as an active person in the mediation of information - which seeks in the interests and needs of the school community to provide a service directed to his empowerment and critical awareness.

**Keywords:** School library. Information mediation. Digital natives. Library users. Information professional.

## Resumen

**Objetivo:** analiza las expectativas y percepciones de los nativos digitales con el ambiente y el profesional de la biblioteca en una escuela en las afueras, Umef Dr. Tuffy Nader, de la red de educación municipal del municipio de Vila Velha, Espírito Santo - Brasil.

**Método:** inserta la investigación cualitativa sobre la imagen de la biblioteca presente y futura para nativos digitales, y utiliza el método de recolección de datos de grupos focales. El análisis involucra conversaciones mantenidas en abril de 2019 con estudiantes y su objetivo es comprender la construcción de esta realidad experimentada a partir de interacciones rutinarias. Con este instrumento, se perciben actitudes y comportamientos comunes entre los nativos digitales, que construyen formas de representación de este espacio.

**Resultado:** muestra que la biblioteca de la escuela se basa en una imagen de valor e importancia; También señala que el bibliotecario mediador asume, en varios aspectos, una función pedagógica en situaciones de liderazgo para enfrentar el mundo cambiante de las TIC.

**Conclusiones:** recibidos por la escuela y la biblioteca, los nativos digitales se convierten en agentes y protagonistas del conocimiento, y esto apoya la construcción de una red de conocimiento y multi-interacciones. Al actuar en el espacio escolar, el bibliotecario asume una función socializadora; Su actividad mediadora sirve para enfrentar la desinformación y defensa de la democracia. El diagnóstico destaca que en el tema de la imagen, la calidad sitúa aspectos tangibles; los estudiantes prefieren valores a artículos tecnológicos; y, en relación con el bibliotecario, lo nombran como una persona activa en la mediación de la información, que busca los intereses y necesidades de la comunidad escolar para proporcionar un servicio dirigido a su empoderamiento y conciencia crítica.

**Palabras clave:** Biblioteca escolar. Mediación de información. Nativos digitales. Usuarios de la biblioteca. Información profesional.

## 1. A biblioteca escolar no dinâmico florescer da cidadania

Alguém já disse que uma ‘escola’ é uma ‘biblioteca rodeada’ por salas de aula. Pois é, assinala a senadora Rose De Freitas (PMDB/ES), essa frase não poderia ser mais “verdadeira”, uma vez que evidencia que o aprendizado da leitura e da pesquisa ocorre por meio da biblioteca, e tais espaços envolvem ao mesmo tempo duas preocupações: i) ser meio para desenvolver um aprendizado eficaz; e ii) situar o fim de todo processo de ensino – representando um conjunto de equipamentos tão extraordinário para se impetrar as ações na ‘qualidade’ do ensino e conhecimento. Por conseguinte, ainda que haja a Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 – que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País – todavia, se nota que essa é “uma realidade que está longe de acontecer” (FREITAS, 2018, p. 2).

O conceito ‘biblioteca escolar’ ainda constitui objeto e um campo vasto no constituinte rol de investigações na Ciência da Informação (CI), e nesse tal campo busca refletir e adequar essa definição, esse equipamento na estrutura educacional moderna. Nesse enfoque Costa, Pinheiro e Costa (2009) relatam que para se articular e apoiar o desenvolvimento de atividades curriculares e atingir as metas educacionais – motivando e formando consequentemente o hábito do uso – a ‘biblioteca escolar’ precisa ter um corpo profissional (atuante nesse espaço) em prol de multiplicação da participação ativa e do desempenho institucional.

A biblioteca escolar é um instrumento fundamental para que os objetivos da educação formal sejam alcançados. Nesse contexto, Carvalho (1989) aponta que é na infância que ‘se adquire o hábito de ler’ e isso desenvolve nas crianças diversas ‘potencialidades’ e ‘disponibilidades’ perante o ‘prazer’ que a leitura proporciona. A autora reforça que é necessário abrir para a criança as “janelas desse mundo maravilhoso” e, todavia é preciso saber fazê-lo (CARVALHO, 1989, p. 194).

No mundo globalizado, a ‘biblioteca escolar’ engraniza múltiplas ‘competências’ e suas possibilidades educativas se ampliam quando professores e bibliotecários trabalham em sintonia, quando olham para realidade e cultura dos territórios, e envolvem a comunidade escolar, as famílias e os estudantes num real processo de integração do currículo aos projetos contínuos que visam sensibilizar o senso crítico – ampliando a maneira de se entender o mundo. Desta forma, esse estudo busca na dimensão da biblioteca escolar e na acepção da ‘missão, visão e valores’ que essa esfera apresenta, em conjunto com ‘Moderno Profissional da Informação’ (MIP), conhecer as expectativas e percepções dos nativos digitais na dada

ambiência (e com a figura do bibliotecário atuante), ou seja, um estudo de caso na escola UMEF Doutor Tuffy Nader, da rede municipal de educação do município de Vila Velha, Espírito Santo.

Assim esse trabalho, além da sua importância social e científica, se justifica diante a forma em que busca ampliar a ‘voz’ do seu principal público e, assim, situar problemas a serem tratados para o momento presente ou vindouro. Considerando o ambiente da escola, Carvalho, Miguel e Costa (2020, p. 7) reportam que a biblioteca escolar é “espaço que propicia e favorece não somente a compreensão dos fenômenos sociais e objetos culturais”, mas também pauta a formação e informação para que os indivíduos possam desenvolver e exercitar a capacidades sensíveis de gerir a própria vida – “isto é perceber a importância da presença de uma biblioteca dentro da escola”.

Diante as provocações e dilemas que a ‘era digital’ e o combate a ‘desinformação’ arquiteta, o intuito fundamental dessa pesquisa perpassa nos seguintes questionamentos: i) quais expectativas há diante a biblioteca escolar, numa comunidade de periferia; ii) que percepções há em torno do bibliotecário; e, iii) qual a imagem a biblioteca e seus profissionais propagam para a geração de ‘nativos digitais’.

Com esses questionamentos, foi realizada uma pesquisa de ‘grupo focal’, direcionando roteiros de entrevistas aos alunos de primeiro ao nono ano na Unidade Municipal de Educação Fundamental (UMEF) Doutor Tuffy Nader, em Vila Velha, Espírito Santo. A natureza do estudo envolve a tipologia exploratória e descritiva, utilizando a técnica *free elicitation* adaptada ao contexto qualitativo que cinge esse estudo.

Nesse contexto se destaca a ‘imagem’ da biblioteca na instituição escolar e a atuação do bibliotecário, ou seja, um ‘Ser mediador’ que faz a interação do nativo digital com a biblioteca escolar e suas disciplinas. É importante frisar que apesar do aumento expressivo de trabalhos que tratam da relação entre as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) e a biblioteca escolar, pouco tem sido realizado estudos que tratam acerca da ‘dimensão e especificidade’ que cerca a opinião dos ‘interagentes’ – os nativos digitais, usuários de produtos e serviços de informação. Então, vejamos esses tópicos relacionados:

## 2. O território da biblioteca escolar: desafios em pauta

O Manifesto para a Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO (*International Federation of Libray Association*) traz indicações para atuação conjunta de bibliotecário – tal ação influencia no desempenho escolar preparando os discentes para viver como cidadãos responsáveis e, o que se traduz em avanços na aprendizagem da leitura e da escrita, na resolução de problemas, no uso das NTICs.

Com esse contexto em pauta, três seções são estabelecidas para uma reflexão do estado da arte, ou seja: a era da tecnologia e mudanças (2.1); os apontamentos sobre a definição de ‘nativos digitais’ (2.2); e a metamorfose rumo a arte criadora de novas bibliotecas e modernos profissionais (2.3).

### 2.1 Na era da tecnologia & mudanças

‘Experenciemos’ nas últimas décadas diversas transformações políticas, sociais e tecnológicas; os rumos da cultura digital redimensiona virtualidade (espaços-temporais) para a dinâmica da vida em sociedade e para as práticas profissionais e éticas. As bibliotecas nesse cenário são intensamente ‘transformadas’ (e provavelmente permanecerão em contínua mutação) quando ‘comparadas’ com outros momentos recentes da história (MILL, 2018).

O papel das bibliotecas escolares muda drasticamente na era digital; muda também o papel do bibliotecário no âmbito escolar. Os desafios profissionais postos nessa ambiência meditam a integração de diversas tecnologias emergentes, na questão do acesso a informação, no combate a desinformação e *fake news* – como parte integrante da escola, a biblioteca constitui fator essencial para atingir as metas educacionais e humanísticas.

Castro Filho (2016, p. 247) reporta que na explosão informacional a sociedade carece cada vez mais dos profissionais bibliotecários como agentes com competências que atendam às novas demandas de produtos e serviços de informação. Um fator para habilitá-lo – enquanto MPI – é que o bibliotecário gerencia um rol de serviço de ‘excelência’ a uma geração digital (nativa ou imigrante); a qual se reconhece por meio de necessidades e desejos de informação como consumidor (interagente, usuário, cliente ou público para os produtos, serviços e ‘práticas informacionais’).

Para Silva (2014), a internet chegou trazendo ‘revolução’ e ‘novas formas’ de comunicação – ampliando as possibilidades de acesso fácil e imediato a conteúdos. E tais características vêm favorecendo ao longo dos anos o processo de ensino/aprendizagem, isso redireciona o foco educacional. Diante um quadro altamente tecnológico, a aprendizagem pêndula entre a disponibilidade e a ‘qualidade’ da interação com o meio informacional.

E assim, com o panorama apresentado se percebe que é ‘imprescindível’ ao MPI saber/fazer/usar as tecnologias, destarte, as provocações diversas no estado da arte em geral mostrar que a internet tem suas ‘vantagens’, e também, se acena que a biblioteca escolar (enquanto espaço físico) tem uma ‘função social’ amplamente reconhecida. Portanto, “cabe a nós, bibliotecários, despertar da letargia em que se encontram nossas bibliotecas escolares, que ‘dormem profundamente’ na maioria das escolas brasileiras” (FRAGOSO, 2002, p. 247).

Em suma, a revolução tecnológica traz a pauta novas competências e informações, e a atuação do ‘bibliotecário escolar’ é modificada, e isso, sem abolir a capacidade crítica e a criatividade que em geral o MPI precisa ter para conduzir o ensino e aprendizagem ao longo da vida. Assim, há que se destacar que é na ‘biblioteca escolar’ que ocorre o início do desenvolver de um convívio social em prol da informação.

## **2.2 Na era e concepção dos nativos digitais**

Prensky (2001) aponta que nativo digital é o sujeito que nasceu imerso em um mundo permeado pela tecnologia digital, com acesso a computadores, jogos digitais e Internet desde a infância. O autor ainda destaca que além de ter acesso à tecnologia, os nativos digitais são interagentes falantes – são nativos pela forma natural como lidam com os meios digitais e artefatos eletrônicos. Assim, o viver cercado de estímulos, como os computadores, múltiplos canais televisivos, *smartphone*, *games* de realidade virtual e *web* têm afetado a vivências de todos, mas marca definitivamente e irremediavelmente as gerações mais novas.

Palfrey e Gasser (2011) indicam que é na era da internet, que estão crescendo os nativos digitais, e isso de certa forma proporciona outra grande mudança no que significa construir e administrar a própria identidade. Portanto, a concepção de ‘nativos digitais’ remete a pessoas que vivem conectadas à internet, e o avançar da tecnologia digital cria uma identidade social em que cada indivíduo passa a exercer um comportamento diferente dentro de cada ciberespaço.

Carniello, Rodrigues e Moraes (2010, p. 3) destacam que:

[...] Nativos digitais são pessoas que vivem conectadas à internet e trocam novas formas de experiência entre si, independente da idade, pois, usam a internet como ferramenta para tudo, vai do *Facebook*, jogos *online*, *whatsapp*, entre outras, a uma simples busca por uma informação, seja ela por interesse de trabalho ou por lazer [...] os Nativos Digitais, possuem tantas características quanta suas inúmeras habilidades.

Nesse contexto, os ‘nativos digitais’ ao adotarem o mundo digital como parte dominante e integrante de “sua vida cotidiana conseguem realizar várias tarefas simultaneamente [...] [e] Como consequência, estão acostumados a receber informações em um fluxo alucinante, e possuem extrema familiaridade com imagens, símbolos e códigos” (CARNIELLO; RODRIGUES; MORAES, 2010, p. 3).

Já Novikoff e Pereira (2013, p. 14) entendem que os nativos digitais são aqueles que possuem uma “forma de pensar de maneira hipertextual” e que encontram vários ambientes de conexão para troca de informação, comunicação e espaço apropriado para desenvolver sua competência informacional. Assim, estudar os nativos digitais e a sua sociabilidade no espaço organizacional da biblioteca escolar, é uma fonte de pesquisa abrangente de suma relevância na área da Ciência da Informação (CI).

### **2.3 Numa era de ‘novas’ bibliotecas e ‘modernos’ profissionais**

A história da biblioteca escolar está intimamente ligada à história da Educação e, sendo assim constitui um “espaço para o desenvolvimento de habilidades, seleção, interpretação, localização, essenciais para se viver numa sociedade de abundância de informação” (CAMPELLO, 2009, p. 20). Como parte integrante da escola, a biblioteca constitui fator essencial para atingir as metas educacionais ao funcionar como elemento de apoio no desenvolvimento das atividades curriculares, motivando assim, o interesse do estudante e do professor nos vários tipos de informação, formando, conseqüentemente, o hábito do uso da biblioteca por meio de um processo contínuo.

Souza (2010, p. 10) reporta que o sucesso de uma biblioteca escolar não está somente na “implantação da mesma”, mas sim em um conjunto que é formado por um acervo composto de itens de relevância para seus usuários potenciais, por um corpo profissional capacitado e especializado, e na construção de um ambiente atrativo e funcional, capaz de integrar os educadores e os bibliotecários na condução da excelência do processo de desenvolvimento de

produtos e serviços. E nessa linha de pensar, Santos (2018, p. 35) citando o Caderno de Instruções do Censo Escolar afirma que nesse documento, o bibliotecário é “citado como o profissional qualificado para administração da biblioteca escolar”. Desta forma, a biblioteca escolar seria um inerente espaço (para que todos que nela atuam possam utilizar os recursos) para receber uma formação peculiar que vai ao encontro do exercício pleno da cidadania.

Enfim, o tema é longo e amplo, mas algumas reflexões provocam outras, e de certa forma o posicionamento que guia a era de novas bibliotecas e modernos profissionais mostram que: biblioteca de qualquer tipologia é organismo vivo; a biblioteca escolar é um espaço cultural; os bibliotecários (escolares) precisam aprender a aprender sempre (*know how*); a prática profissional precisa (*know why*) para ser dinâmica e conectada – pois o próprio livro, a leitura e as formas de interação passam por profundas transformações.

### **3. Procedimentos, materiais e métodos**

Nessa seção se apresenta o percurso metodológico, ressaltando a ambiência da pesquisa e os procedimentos aplicados para a coleta e análise de dados.

#### **3.1 Panoramas e ambiência da pesquisa**

Para diagnóstico foi selecionada, em razão por conveniência, a Unidade Municipal de Ensino Fundamental (Umef) Doutor Tuffy Nader, localizada na Barra do Jucu – uma escola inaugurada em 2012 com capacidade para 960 alunos. Essa Umef integra a rede municipal de educação, e se localiza na ‘Região Administrativa Cinco’ de Vila Velha – a ‘Grande Jucu’ (zona de periferia, alvo das políticas de ocupação social promovidas pelo Estado).

A nova unidade de ensino oferta aos alunos um espaço amplo e favorável para o aprendizado. São 20 salas de aula, sala multiuso, laboratório de informática, biblioteca, auditório, piscina e quadra poliesportiva, além de também oferecer acessibilidade para alunos especiais. Atendendo a uma demanda da comunidade, a Umef Dr Tuffy Nader soma-se às outras 100 escolas municipais de educação – e todas com biblioteca.



**Figura 1** – A UmeF Dr Tuffly Nader, na Barra do Jucu (Vila Velha, ES, Brasil)

Fonte: elaborados pelos autores, 2019.

Em suma, a rede de ensino municipal possui 38 Unidades Municipais de Educação Infantil (Umeis) e 63 outras de Umefs de ensino fundamental; cabe ressaltar que os bibliotecários atuam somente nas Umefs. Portanto, o ensino fundamental abraça diferentes escolas: 1) de primeiro ao nono ano; 2) primeiro ao quinto; e 3) e as que têm do sexto ao nono – isto é, o lugar em que atuam 54 bibliotecários, alguns trabalhando em duas escolas em dias alternados.

O ambiente de pesquisa compreende o ‘espaço da biblioteca’ da UmeF Dr. Tuffly Nader, nessa ambiência são desenvolvidas diversas atividades e eventos, por exemplo, na Semana Nacional do Livro há atividades lúdicas, visitas de escritores, atividades especiais voltadas ao incentivo à leitura e literatura por meio de varias formas de manifestações artísticas e culturais (batalha literária, produção coletiva de livros, café literário, lançamento de livros, peça teatral, oficina de artes, confecção de marcadores de páginas personalizados, entrega de livros para os leitores que mais se destacaram, debates sobre as questões étnico-raciais com escritores locais). Na biblioteca se desenvolve ações como: a) em prol da prática leitora; b) a preservação do acervo bibliográfico; c) a disseminação da informação, do conhecimento e da cultura – trabalho esse coordenado pelo Setor de Bibliotecas Escolares da Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

### 3.2 O caminho metodológico

A trajetória dessa pesquisa está inserida em um contexto descritivo e qualitativo, utiliza um roteiro básico de cinco questões – um direcionador que alçada o tema em termos de três aspectos: as percepções e expectativas dos estudantes diante a biblioteca escolar, do profissional atuante nesse espaço e o construto da imagem da biblioteca na escola – uma ambiência que escuta e potencializa os nativos digitais.

O Grupo Focal (GF) é uma técnica que serve para reunir um grupo de pessoas, selecionada em dado universo, estimulando a amostra de selecionados expressarem seus pontos de vista sobre os temas propostos a reagirem com o roteiro e emitirem opiniões entre si. Seria compreender a entrevista de abordagem direta e natural, mediada por um agente moderador treinado que age em conjunto com participantes visando discutir um tópico específico (BARBOUR, 2009).

A utilização do GF é indicada para explorar ideias e pontos de vista a respeito de um contexto pouco conhecido. As sessões são constituídas por entrevistas que articulam a importância da interação – *free elicitation* – acerca de tópicos que são fornecidos. A literatura científica recomenda a articulação de 8 ou no máximo 12 pessoas para melhor recepção das opiniões (BAXTER; COURAGE; CAINE, 2015). Por fim, há a figura do moderador que age como um facilitador do debate – pautando um agente que tem manejo as atividades grupais, e apresenta empatia, aptidão para escuta ativa, entusiasmo para a condução dos grupos às discussões e administra a organização do registro oral (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004).

O ato de organizar (atividade do moderador) o GF ocorreu no mês de abril de 2019, abrangendo quatro semanas que pautaram a discussão do roteiro temático para estudo. O período matutino ficou dividido em dois grupos, constituindo ‘GFZ’ – Grupo focal *Zayin* (6 participantes, do primeiro e do segundo ano) e o ‘GFL’ – Grupo *Lamed* (6 entrevistados, do terceiro e quarto anos). O período vespertino constitui o ‘GFT’ – Grupo *Tzadê* (12 integrantes, alunos do quinto ao nono anos). A escolha dos participantes se deu por sorteio na primeira semana de atendimentos de abril na ambiência da biblioteca escolar da UmeF Dr. Tuffy Nader, e os alunos selecionados foram questionados quanto ao livre interesse na participação, continuidade e contribuição desse estudo e, para resguardo do anonimato cada respondente tem uma letra do alfabeto grego, como por exemplo: ‘*Lambda*’ - Nativ@ 2º ano, 7 anos.

Foram entrevistados 24 nativos digitais em três GF, divididos em dois turnos durante um período de quatro semanas. Cabe lembrar que a GF é uma técnica realizada com grupos menores para a fluidez do assunto abordado (forma a produzir dados e *insights*) em cada sessão. A condução da pesquisa seguiu os preceitos éticos e operacionais, autorizados pela equipe gestora da escola e biblioteca; já os participantes foram estimulados a expressar seu ponto de vista auxiliando a geração de ideias e comentários sobre a temática proposta.

Assim o diagnóstico envolve o direcionamento de entrevistas (que soma opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais) a três GF, totalizando 48 diários de campo e 35 horas de gravação e transcrição de entrevista em profundidade com os pesquisados. Em síntese a pesquisa leva a possibilidade de que formações e práticas que fortalecem a dimensão informativa e educativa (senso de pertencimento e empoderamento) que propicia gerar sinergia e interfacear ganhos sociopolíticos e organizacionais nessa ambiência, sendo a bibliotecária o agente moderador nas entrevistas.

O procedimento de coleta de dados se apara em um roteiro não estruturado, no qual apenas direciona a abordagem temática em termos de bussolar aos entrevistados um painel analítico para recolhimento espontâneo da declaração e dados. O roteiro foi composto com perguntas abertas, em um total de sete diretrizes, a saber: a) três questões abertas iniciais guiaram o processo sobre a ambiência da biblioteca; b) três indagações remetem a atuação bibliotecária; e c) a apresentação de tirinhas em quadrinhos para conceber a inerente imagem (atual e vindoura) que há acerca da biblioteca escolar.

Durante o encontro com o grupo de nativos digitais, outras perguntas foram feitas para aprofundar ou esclarecer algum tópico, assim a técnica apresenta flexibilidade e o uso do roteiro semiestruturado ou não se abre como as reflexões das perguntas abertas. Os Tópicos Dinamizadores (TD's) inicialmente apresentados foram: (1TD) expectativas e percepção diante o espaço da biblioteca escolar; (2TD) o impacto do fator tecnologia na biblioteca; (3TD) o impacto da biblioteca na sua vida escolar; (4TD) as percepções e presença do bibliotecário (mediador?); (5TD) a visibilidade da profissão (bibliotecário); (6TD) a forma de ação, defesa e valorização da profissão; e a (7TD) prospecção da imagem da biblioteca para o tempo futuro.

O que tange o sétimo item dinamizador que auxilia a condução do GF a moderadora, além de motivar os participantes, também os apresenta (Figura 2) quatro ilustrações (recortes de tirinhas de quadrinho) para que os GF reportassem sobre quais seus sentimentos em relação

Nativos digitais e seus olhares para a imagem da biblioteca escolar: a visibilidade do bibliotecário como mediador da informação na rede municipal de educação de Vila Velha, ES, Brasil

aos significados das imagens – explanando como a imagem da biblioteca se propaga nessa geração ou para o futuro.

**Figura 2** – Imagens apresentadas aos participantes como meio de estimular a discussão



Fonte: elaborado pelos autores a partir de imagens disponíveis na web (2019).

A ilustração anterior (figura 2) apresenta ilustrações situações que provocam a reflexão como a temática em estudo, e essas tirinhas em quadrinhos foram apresentadas aos participantes (última semana do GF) como meio de estimular a discussão para representação da imagem presente e porvindoura da biblioteca, dentro do contexto escolar e também humanitário. O moderador com a técnica do GF seguiu o programa de debates apoiado em um roteiro e também para avançar discussões anteriores, assim, o desafio é provocar, estimular e avançar na reflexão diretiva do tema, contudo reportando no início de cada entrevista que era livre a participação e o desobrigando de responder aquilo que não lhe fosse conveniente. O moderador realizou a condução da interação e mediação da informação no GF transcrevendo integralmente a apontamentos ou reflexões.

A seguir é apresentada a análise e interpretação de dados e discursos – a partir das vivências narradas, vivenciadas ao longo de sua trajetória das entrevistas com o GF (transcrição das falas e leitura integral) se delimita alguns pontos de inflexão: a biblioteca escolar (sessão 4.1), o bibliotecário (4.2) e o mural de perspectivas em relação a imagem da instituição (4.3) a geração presente e para vindouras transformações. Os procedimentos de análise de dados obtidos com o GF compreende a análise de conteúdo – uma forma para examinar a substância das respostas do GF, isto é, considera a posição dos entrevistados quanto aos aspectos pesquisados (BARDIN, 2009).

#### **4. Análise de dados e discussão dos resultados**

Essa sessão reúne uma síntese sobre as entrevistas realizadas com os três GF, ou seja: i) GFZ - Seis integrantes: *Alfa, Beta, Gama, Delta, Épsilon e Zeta*; ii) GFL - Seis respondentes: *Etá, Teta, Iota, Kappa, Lambda e Mi*; e o GFZ - 12 entrevistados: *Ni, Csi, Ómicron, Phi, Ró, Sigma, Tau, Upsilon, Fi, Chi, Psi e Ômega*. O conjunto de GF compreende a 24 participantes e sete Tópicos Dinamizadores (TD's): 1TD - Quais são suas expectativas e percepção diante o espaço da biblioteca escolar (?); 2TD - Como você avalia o impacto do fator tecnologia na atividade bibliotecária (?); 3TD - Qual é o impacto da biblioteca escolar na sua vida escolar ou pessoal (?); 4TD - Quais são suas percepções quanto a figura ou imagem de atuação do bibliotecário (?); 5TD - Como você enxerga a profissão (bibliotecário) no futuro?; 6TD - Como o bibliotecário deve defender o valor de sua profissão (?); e 7TD – a imagem da biblioteca no tempo presente e a prospecção da mesma (com auxílio visual de charges).

Nos subtópicos a seguir para interpretação, síntese e discussão dos resultados remetem a: lócus da biblioteca escolar para os nativos digitais (4.1); a orientação da atividade profissional (4.2); e via construtiva da imagem do vindouro para a biblioteca escolar (4.3).

#### 4.1 O logradouro da biblioteca escolar para os nativos digitais

O subtítulo nessa seção sinaliza que serão analisados assuntos que remetem sobre a estrutura ou ambiência da biblioteca escolar (aspectos tangíveis). Seleciona para interpretação e síntese os tópicos (1TD, 2TD e 3TD) que nortearam a condução das entrevistas. Os respondentes refletiram sobre essa esfera institucional, na primeira e segunda semana dos encontros do GF. As provocações para as respostas visa a compreensão das expectativas e percepção da biblioteca no espaço escolar, o impulso das NTCI's nessa ambiência e as conexões que a vida social, cultural e escolar perpassa sobre a estrutura física (tangível) do ambiente.

Para o 'GFZ' e 'GFL', respectivamente denominados *Zayin* e *Lamed*, a biblioteca representa um espaço “lindo”, “divertido”, “acolhedor”, “de aprendizado” entre outros apontamentos. Assim, para caminho que circunda a esfera da biblioteca, o entrevistado Delta (3º ano, 8 anos) aponta que:

*Acho que a biblioteca é muito legal, principalmente por que tem o globo terra. Está bons esses livros e, isso mostra a amizade com a leitura, acho ela legal, divertida, bonita! Deveria ter silencio, mas como fazer isso com diversão! [risos] com obediência - mostra um lugar que quer receber você (Beta - Nativ@ 1º ano, 6 anos).*

*A biblioteca é muito boa, linda, maravilhosa e ensina a gente ler. Nela há poucas estantes (...) mas isso não afeta tanto, o espaço é legal, e tem muitas crianças pra ler. No caso me sinto abrigada nesse espaço quando vejo a decoração, e isso representa algo muito legal - mostra um lugar que quer receber você! Deveria ter silencio, mas como fazer isso como diversão! [risos] com obediência (Teta - Nativ@ 3º ano, 8 anos).*

No que tange aos itens direcionadores do impulso das NTCI's no acoplar da reflexão sobre a estrutura física os integrantes 'GFZ' e 'GFL' apontam que:

*A biblioteca não tem que ter tecnologia tanta assim, aqui falta tipo uns livros novos, coisas novas, pintura (...) Eu gosto muito de ler, e acho muito legal que a biblioteca antes de pensar em ser tecnologia, seja silenciosa e tenha em pauta que são os livros, que posso pegar, folhear é o que realmente ajuda (Lambda - Nativ@ 2º ano, 7 anos).*

*A estrutura que aqui tem é boa e o ruim é que falta retirar uns livros para adultos e colocar mais de crianças. O espaço é bom, eu venho aqui na biblioteca, leio e viajo, eu queria que tivesse mais horários na semana para ter aula de biblioteca. A biblioteca pode ou não ter tecnologia, de qualquer forma é útil e [pausa] assim ela conquista a gente mesmo não tendo computador ou faltando wi-fi (Zeta - Nativ@ 4º ano, 10 anos).*

Já o Grupo *Tzadê* (GFT), alunos do quinto ao nono anos, apontam que a biblioteca escolar situa um lugar para “reflexão”, “sintonia”, “estudo”, “entretenimento”. Destarte, no que tange os artefatos que circundam a esfera da biblioteca, para o entrevistado *Delta* (3º ano, 8

anos) é “um lugar legal para ler e aprender coisas novas tem palavras que eu nem sabia que existia e aprendi lendo”; e, também encontramos outras declarações similares, como:

*Acho a biblioteca legal, interessante, um local livre para ler, encontrar várias informações, várias coisas interessantes, estar em sintonia com a educação, com a vida, com o mundo e você pode aprender muitas coisas que não tem na internet, você aprende na biblioteca (Ômicron - Nativ@ 6º ano, 11 anos).*

*Aff... A biblioteca eu acho muito interessante, é sempre bom ter um lugar próprio para a gente estudar, refletir um pouco, ter paz. É um lugar de aprendizado, e pra ficar por dentro de tudo o que acontece no planeta eu gosto bastante de ler, ela é bem calma e isso para mim mostra estudo. Você lendo trabalha o cérebro (Upsilon - Nativ@ 7º ano, 13 anos).*

*A biblioteca da escola é muito legal! Eu gosto de vim aqui sempre. Mas aqui você agora fez uma pergunta difícil, na outra semana foi a parte mais difícil para responder, eu acho que aqui é espaço bom para sintonia [...] Tem muitos livros para ler, as vezes tem alguns livros fora do lugar, tem bom espaço, as vezes fica um pouco ruim para ler por causa do barulho (Ômega - Nativ@ 9º ano, 15 anos).*

No que remete aos dois TD's – do impulso das NTCI's e cogitações sobre a estrutura física – a maior parte dos integrantes 'GFT' direcionam reflexões como:

*Tecnologia para que? Eu quero é muito silencio, se você não tiver num dia bom, você vem pra cá ler e relaxar, ontem eu estava com dor de cabeça, vim pra cá ler e melhorei, eu gosto de ficar aqui, eu e as minhas amigas. Eu acho que a biblioteca tem que buscar ter mais livros de ficção, terror e precisa ter mais silencio e livros novos isso sim (Sigma - Nativ@ 8º ano, 14 anos).*

*A biblioteca é um lugar para ler um pouco, viajar com as historias e também falta nas estantes muitos livros novos para as pessoas se interessarem e ler, mesas, mais lâmpadas e luz. [pausa] o que não pode ser feito na biblioteca? Como ser 'tech' sem ar condicionado, sem ventilação e isso ajuda nas provas, é convidativo tendo apenas lâmpadas novas (...) mas para mim está boa uma biblioteca sem muitas tecnologias, eu prefiro assim (Chi - Nativ@ 8º ano, 14 anos).*

Dentre os principais resultados encontrados, se nota que para os entrevistados do GFT surgem mais reflexões sobre precarização da estrutura, mas esse fenômeno é visto algo como inerente. Para os discentes do 'GFZ' e 'GFL' impera discurso de encantamento, destacando que ao desenvolver as atividades a biblioteca oportuniza a experiências diferenciadas, e isso faz com que a instituição resgate para a geração digital 'formas próprias' para cogitar o exercício da cidadania na rede.

## 4.2 A alameda da atividade profissional – intercâmbios e conexões

Nessa seção, o subtítulo sinaliza que, há um direcionar a interpretação da influência, em pauta, para os “modos de dizer” sobre o bibliotecário enquanto moderno profissional da informação (MIP). Com esses parâmetros, os GF discorreram sobre as percepções quanto a função mediadora e educadora do MPI, as forma de ação e atuação do bibliotecário e a visibilidade dessa profissão (4TD, 5TD e 6TD).

Para o ‘GFZ’ e ‘GFL’, ocorre a mediação da informação a partir do ‘fazer’ bibliotecário, numa dada aproximação o ato de mediar revela ser interferências práticas. Assim, na avenida de considerações que circunda a questão da presença do bibliotecário no espaço escolar, arguem os respondentes que:

*Acho eu que a pessoa que cuida da biblioteca, eu ainda não sei ler, mas muitas pessoas vêm aqui e aprendem a ler e isso ela deve ajudar. Muitas pessoas vêm aqui para aprender, e com bastantes livros nas estantes dá para ler mais rápido, aprender mais e escrever mais (Gama - Nativ@ 2º ano, 7 anos).*

*Gosto das tias dessa biblioteca, foi a única biblioteca que eu fui na vida, mas acho que falta só um pouco mais de livros. Os funcionários da biblioteca e devem cuidar para não faltar nada (...) Aqui as crianças aprendem a ler rápido porque reforça mais a ideia de leitura que na sala de aula (Etá - Nativ@ 4º ano, 11 anos).*

*Eu acho a bibliotecária muito dedicada ao trabalho porque a bibliotecária organiza bem a biblioteca para as crianças. Ela representa que todo mundo pode saber ler, a pessoa pode não saber, mas ajuda a ler. E a as pessoas daqui representa bastante a educação, alegres, como se fosse uma família para mim, a tia conta histórias - porque as tias daqui tratam a gente como filhos (Alfa - Nativ@ 3º ano, 8 anos).*

Ainda, para os entrevistados *Delta* e *Épsilon* (GFZ) e para *Iota* e *Mi* (GFL) o nome bibliotecário é algo diferente, recentemente apresentado essa designação, uma vez que no ambiente escolar o apelido ‘tia’ circula de forma flexível entre os profissionais atuantes dessa ambiência, demais, esse TD não avançou com relevância um debate restrito, e nesse sentido tais itens retomavam itens já discutidos no segundo e terceiro encontro.

Já entre os respondentes do GFT a temática ‘profissão - bibliotecário’ toma mais tons para reflexão; alunos do quinto ao nono anos já conhecem melhor a biblioteca escolar e estabelece uma relação mais próxima com as atividades do funcionário. Destarte, o discurso que circundam a esfera da atuação profissional, para o grupo *Tzadê*, compreende ao trabalho de alguém capacitado, treinado e preparado. Assim, as ponderações sobre o tema (3TD, 4TD e 5TD) indicam que:



*Acho o biblio... Bibliotecário é um nome muito difícil de soletrar [...] Mas é interessante porque é a própria palavra do lugar de trabalho. Um local livre para ler, e o atendimento nele deve expressar alegria e vontade de estudar. Porque toda vez que eu chego aqui eu falo que quero levar todos esses livros para casa para ler e assim a pessoa sente valor, sente que faz algo diferente e de fato ajuda. Auxiliar a ler é tudo, é importante ler ajuda nas provas, no futuro. A diversão deve ser ler livros, e digo aos meus amigos [...] O projetos da escola, talvez não de leitura, mas um incentivo, brincadeiras para ler é um trabalho que deve ser daqui (Tau - Nativ@ 7º ano, 13 anos).*

*Na minha opinião eu gosto dos professores da biblioteca, tanto que nessa era totalmente digital, aqui na biblioteca eu tenho tranquilidade, e como eu gosto muito de ler, aqui eu acho de tudo nos livros, tanto que já preenchi a minha ficha. Para mim a tia é boa, representa o que se espera achar (...) aqui. Se as pessoas não tiverem um incentivo para ler deixam de lado, acho que deveria haver projetos ligados a leitura e assim a tia ajuda outros professores (Ró - Nativ@ 9º ano, 15 anos).*

*Eu acho a funcionária bem maneiro, eu já li a maioria dos livros da biblioteca com a ajuda dela, mostra algo quando está sem opção. E por isso tem aquele vão na biblioteca só para conversar. A biblioteca representa uma parte muito importante da minha vida, e é bom ter alguém aqui para ajudar a ter mais conhecimentos, ela é muito importante. Quando eu morava em outro lugar eu tinha que ir à biblioteca da cidade e aqui eu tem biblioteca na escola, tem pessoa treinada e com curso para me atender (Phi - Nativ@ 8º ano, 15 anos).*

As falas de todos os três GF (Zayin, Lamed e Tzadê) mostram certa incerteza sobre a imagem do bibliotecário com profissão, e como ‘MPI’ traz ‘perspectivas’ da própria carreira na profissão (aspecto tecnicista se ratifica devido ao realce na guarda dos documentos). Enquanto falam, os nativos digitais ressaltam que a biblioteca vai ‘avançar’; os entrevistados refletem sobre possíveis caminhos – baseados na crença, no valor e na importância social da profissão, reforçam o foco da mediação e contemporâneos dilemas.

Dentre os principais resultados encontrados, se nota que para os entrevistados do GFT surgem mais reflexões sobre a própria biblioteca em si, e os entrevistados ‘Ni, Csi, Phi, Fi, e Psi’ ainda destacaram no terceiro e quatro encontro do GF que puderam pensar mais sobre o ‘bibliotecário’ – a forma como atua e intervém para a prática leitora (um agir que produz e constrói o hábito de ler). Cabe ainda, ressaltar que metades dos discentes – do GFT – relataram que procuram se informar mais (pesquisar e buscar o termo ‘bibliotecário’) após terceira rodada de entrevistas. Assim, conhecer as atividades a biblioteca oportuniza ter experiências diferenciadas, e isso faz com que os diversos interagentes possam promover a ambiência da biblioteca, como vemos no tópico a seguir.

### 4.3 A via construtiva de uma imagem – presentes & futuros focos

A seção evoca as provocações do tópico dinamizador (7TD). Busca por meio das falas dos nativos digitais encontrar uma prospecção relativa a imagem da biblioteca escolar e de seu profissional. Para fluir o debate da temática, a moderadora ou mediadora (como prefere ser designada), apresenta aos respondentes quatro tirinhas de quadrinhos (recolhidas na *web*) e que trazem para o TD o seguinte tônus: consulte o bibliotecário, ler pode curar, há valor na leitura, se abra para um mundo de descobertas.

Para destacar uma análise de conteúdo (nas etapas – fase de pré-análise, exploração e a inferenciação) – destaca o conteúdo manifesto e latente num texto. A análise das entrevistas transcritas em conjunto com as ‘observações’ que notam o silêncio, o suspiro, os risos, o olhar e demais elementos (como a própria presença da mediadora e bibliotecária) influencia o significado ‘subjacente’. Assim, o item 7TD regatar a questão da imagem da biblioteca no tempo e a sua prospecção e de seu profissional no espaço, e tal dinâmica com entrevistados dos GF (*Zayin, Lamed e Tzadê*) mostram que se destaca nesse contexto, em esferas (bibliotecário e biblioteca), traça o anseio pela qualidade e por valores humanos no usufruto de direitos.

Assim, considerando as particularidades e diversidade do GF, a representação a seguir vai ao encontro do recorte proporcionado na 7TD. A viabilização dos diálogos se apoia na técnica ‘*free elicitation*’ – um método qualitativo baseado na livre associação de palavras relacionada a temática (FIGUEIREDO; MAYER, 2010). E a análise da fase das inferenciações se apresenta pela categorização dos itens destacados (nas falas transcritas) os quais reúnem expressões mais recorrentes. A nuvem de palavras a seguir é uma *wordcloud* (figura 3) – sinaliza os termos preferidos em razão de características comuns de frequência, considerando os diálogos, isto é, as repostas do último encontro do GF. Assim, se reúne as provocações do 7TD e, pauta os discursos em termos do ensino fundamental 1 e 2.

**Figura 3** – Nuvem de palavras, a fala dos nativos digitais

Fonte: os autores, abr. 2019.

O lado direito encontra-se os extratos que remetem a fala (*Ni, Csi, Ômicron, Phi, Ró, Sigma, Tau, Upsilon, Fi, Chi, Psi* e *Ômega*) dos discentes do 6º ao 9º ano (do ensino fundamental II) e; a esquerda o excerto direciona as repostas (*Alfa, Beta, Gama, Delta, Épsilon, Zeta, Etá, Teta, Iota, Kappa, Lambda, Mi, Ni, Csi* - dois últimos são GFT) dos alunos do 1º ao 5º ano (anos iniciais, Ensino Fundamental 1).

O que tange as provocações do TD7, os depoimentos obtidos, em síntese, que retratam que o desdobrar da ‘imagem’ da biblioteca e seu futuro ocorre via os projetos de educação continuada e, da sua ênfase na promoção e na manutenção do que existe na atualidade. “No futuro eu imagino a mesma biblioteca de sempre, porque biblioteca para mim é uma coisa que não deveria mudar” diz o interagente de GFT (*Csi - Nativ@ 9º ano, 14 anos*) na última entrevista do GF.

Para *Épsilon* (GFZ - Nativ@ 2º ano, 7 anos), a biblioteca e o MPI “no futuro deve ser diferente, muito diferente, porque eu nunca vi e nunca fui”. Muito coerente a afirmação desse nativo digital, e outras vias aponta: ‘O futuro despertado não traz questões sem respostas’ - ‘Quero eu que a biblioteca se modifique?’ - ‘Que caminho dá pra seguir?’ - ‘Pra onde é que se vai sem biblioteca, o que se faz?’ – As projeções desse e outros entrevistados, em especial ‘*Épsilon, Iota e Mi*’ aludem a insegurança, desesperança e incerteza quanto a tarefa de se pensar o futuro de algo ou alguém.

O olhar do nativo digital para o ‘MPI’ e para a biblioteca e seu vindouro exhibe, em seu rol descritivo e aparente, depoimentos que frisam a importância dos itens tangíveis, isto é, de forma a envolver o reconhecimento de itens simples, básicos e essenciais como: iluminação

(lâmpadas), mesas e cadeiras, ventilação (ar-condicionado, ventilador, janelas), livros, *tablets* e computadores. Assim, frisa um dos respondentes: a biblioteca faz sua imagem “no presente, trabalho e dedicação, sem se reclinar a censura e por isso o a presença do bibliotecário é o ser querido faz a via construtiva de uma imagem” (*Tau* - Nativ@ 7º ano, 13 anos).

## 5. Um final de considerações

“Se seus sonhos estiverem nas nuvens, não se preocupe, pois eles estão no lugar certo, agora construa os alicerces!” | LMestre Zhuangzi ( 莊子 ) [Chuang Tzu - filósofo chinês].

A biblioteca escolar, no decorrer desse trabalho, é apresentada como um instrumento fundamental de apoio às atividades pedagógicas, sua ação busca desenvolver a criatividade, imaginação e reflexão informacional para além do mundo da leitura – e, adentra em esferas cada vez mais fundamentais para mostrar que o bibliotecário é ‘mediador’ e um ‘MPI’.

Convém destacar que na última sessão de entrevistas houve um ‘espanto’ na proposta de se pensar o ‘futuro’. Viver o presente já é uma árdua realidade para muitos desses nativos digitais, numa região em que o Estado tem como pauta permanente um programa – Ocupação Social – para enfrentamento a violência. Contudo, esse tópico dinamizador trouxe esperanças. E por quê? Pois um 1/3 dos entrevistados apontam que a biblioteca escolar do presente e do futuro não carece ser tão tecnológica, mas necessita ter ‘pessoas’ – “são as pessoas que fazem a diferença e transformam a realidade” fala de ‘Alfa’ (Nativ@ 3º ano, 8 anos).

Os grupos focais (GFZ, GFL e GFT) nos quatros encontros e debate, mostram conhecimento, trocas de saberes, críticas construtivas, reflexões que engajaram o debate do 7TD – a imagem da biblioteca no tempo e a prospecção dela e de seu profissional. No mais, o que esperar? Livros e mais livros, e livros de ‘todos os tipos’ e para todos os gostos, artefatos tangíveis ‘novos’ - mesas, cadeiras, estantes, computadores, brinquedos e, sim, ‘robôs’, nos reportou ‘Beta’ (Nativ@ 1º ano, 6 anos).

E é claro, a biblioteca do presente e vindouro dever ter principalmente a presença de ‘crianças, adolescentes, alunos, bibliotecários, funcionários e comunidade’ – sentença essa proferida pelos reais usuários (interagentes) que pensam na dimensão social e humanística em uma biblioteca. Esse tema tem longa amplitude e não se encerra aqui, muitas outras pesquisas virão provocadas ou não, com esse viés de ouvir o seu público.

Dinamicamente, a conclusão desse trabalho não traz conclusões, todavia, retoma ao seu início: a escola é uma “biblioteca” rodeada de salas de aula. Com essa ‘provocação’, há que se dizer que a biblioteca escolar é o coração e, também, pernas e braços, cabeça e tronco, começo e finalidade de moderações que vão para além do ‘silêncio’. Experiências como a dessa escola representam um alento, e nesse rumo mostra um saudável encaminhar das políticas públicas na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Por fim, cabe destacar a fala de *Ômega* (Nativ@ 9º ano, 15 anos): a “biblioteca dá muito aprendizado para gente, muitas pessoas vêm aqui para aprender, no futuro deve ser desse mesmo jeito”.

## Referências

ASCHIDAMINI, Ione Maria; SAUPE, Rosita. Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 9, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700/1408>. Acesso em: 18 fev. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. 281 p.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Bookman: Artmed, 2009. 216 p.

BAXTER, Kathy; COURAGE, Catherine; CAINE, Kelly. **Understanding your users: a practical guide to user research methods**. 2nd. ed. Waltham: Elsevier, 2015, 534 p.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 80 p.

CARNIELLO, Luciana Barbosa Candido; RODRIGUES, Bárbara Mônica Alcântara Gratão; MORAES, Moema Gomes. A relação entre os nativos digitais, jogos eletrônicos e aprendizagem. *In: SIMPOSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: redes sociais e aprendizagem*, 3., Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2010. Disponível em: <http://nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Luciana-Barbosa-Carniello&Barbara-Alcantara-Gratao&Moema-Gomes-Moraes.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 6. ed. São Paulo: Global, 1989. 132 p.

CARVALHO, Sandra Maria Souza de; MIGUEL, Marcelo Calderari; COSTA, Rosa da Penha Ferreira da. Nativos digitais e novas concepções para bibliotecas escolares: o bibliotecário como mediador da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-18, ago. 2020. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1385>. Acesso em: 06 ago. 2020.

CASTRO FILHO, Marcondes Claudio de. As competências, os perfis e os aspectos sociais do bibliotecário na educação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da**

Nativos digitais e seus olhares para a imagem da biblioteca escolar: a visibilidade do bibliotecário como mediador da informação na rede municipal de educação de Vila Velha, ES, Brasil

Informação, Campinas, v. 14, n. 2, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://periódicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbcii/article/view/8643650/pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

COSTA, Wilse Arena da; PINHEIRO, Mariza Inês da Silva; COSTA, Maria Neuma da Silva. O bibliotecário escolar incentivando a leitura através da webquest. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 37-54, Abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v14n1/v14n1a04.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2019.

FIGUEIRÊDO, Aline Alves; MAYER, Verônica Feder. A imagem dos destinos turísticos: a cidade de São Paulo sob o olhar de jovens do Rio de Janeiro. **Turismo em Análise**, v. 21, n. 3, art. 2, p. 445-469, 2010. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/rta/article/view/14227>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca escolar-profissão e cidadania. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 7, n. 2, p. 240-250, nov. 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/381/463>. Acesso em: 20 jan. 2019.

FREITAS, Rose de. **Projeto de Lei do Senado Nº 94, de 2018**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, para estabelecer obrigação de construir biblioteca escolar em todas as novas escolas públicas de educação básica. Senado Federal: Atividade Legislativa da Câmara: Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania: Parte integrante do Avulso do PLS nº 94, 2018. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7643431&disposition=inline>. Acesso em: 22 jan. 2019.

MILL, Daniel. **Dicionário crítico de educação e tecnologias**. Campinas: Papirus, 2018.

NOVIKOFF, Cristina; PEREIRA, Natália Xavier. Internet e ensino: saberes indispensáveis aos imigrantes digitais. *In*. SIMPÓSIO DE EXCELENCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 10., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Educacional Dom Bosco, 2013. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/37018363.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011, 352 p.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. 2001. Disponível em: <http://crisgorete.pbworks.com/wfile/fetch/58325978/nativos.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

SANTOS, Pedro Souza. Biblioteca escolar e sala de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 28-47, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/143688>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SILVA, Rosa Danielle de Santana. **Nativos e imigrantes digitais no contexto educacional**. 2014. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/9711>. Acesso em: 19 jan. 2019.

SOUZA, Juliana Fontes dos Santos. **Biblioteca na escola**: como elaborar um projeto de biblioteca escolar integrada às atividades pedagógicas para alunos do primeiro ao nono. 54 f. Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/85836533/biblioteca-na-escola-como-elaborar-um-projeto-de-biblioteca-escolar>. Acesso em: 15 jan. 2019.

Artigo submetido em: 09 dez. 2019

Artigo aceito em: 16 jun. 2020